

Nunca como nesse período de crise apelamos à ciência para tentar combater esta pandemia. Desgraçadamente constatamos mais uma vez que o processo científico é lento e que só depois de muitas discussões e buscas é possível chegar a um conhecimento que nos permita afrontar os desafios da realidade.

A espiritualidade em tempo de Coronavírus

Pe. Lorenzo Amigo, sm

Ciência e espiritualidade

A ciência é uma das atividades do espírito humano que nos permite compreender o que chamamos espiritualidade.

O pensamento científico segue este processo: atenção aos fatos da experiência; inteligência interpretativa dos fatos querendo compreender melhor as hipóteses de trabalho; avaliação responsável dos fatos mediante juízo que verifica ou falsifica as hipóteses de trabalho; decisão valente a favor do que aparece como justo, válido, digno de ser realizado.

A espiritualidade humana segue um processo paralelo ao científico e tem estes quatro preceitos essenciais:

Estar atentos à realidade

Trata-se de viver conscientemente. O maior perigo nos dias de hoje é que estamos distraídos, caindo no esquecimento espiritual. O Coronavírus nos despertou do letargo do qual fomos submersos pelo algodonoestado de bem-estar. Nossa atenção é captada pelos filmes da televisão, os esportes, as compras e as fantasias que tudo isso produz. Os inimigos da vida do espírito são o ativismo, a diversão e o desassossego.

Ser inteligentes

Trata-se de entender o que está acontecendo. Desgraçadamente o desafio do Coronavírus desborda as capacidades da maioria e como desafio, se dirige à totalidade da população mundial. Os Estados com seus comitês científicos se reservaram às tarefas do conhecimento e das respostas que chegam a estes comitês. Nunca como agora se viu que o Estado assume o antigo lugar da religião, com dogmatismos que esta não possuía. Agora o indivíduo já não tem que dizer: “Senhor, o que queres de mim?”, mas “senhor Estado, que queres de mim?”. O Estado impõe um programa sem alternativas pois se apresenta como “Eu ou o caos”. Ao final a pessoa somente pode dizer: “Tomai, Estado, e recebi minha liberdade, minha inteligência e fiz de mim o que queiras”. Sem dúvida o Estado quer proteger nossas vidas e apela à nossa responsabilidade e as ameaças econômicas.

Ser responsável

A maioria das pessoas compreendemos que estamos no mesmo barco, ricos e pobres. Pela primeira vez a sociedade enfrentou-se com o problema dos sem tetos, pois se eles se contagiam, ao final os demais seremos contagiados. Respeitar o confinamento é assegurar minha saúde e a dos demais. Em geral, a população deu um grande exemplo, desde as crianças até os idosos. São poucos o que descaradamente não cumpriram as normas.

Ser capaz de apostar pelo que é justo e verdadeiro

Trata-se de possuir uma atitude e conduta ética. Descaradamente nem sempre a ciência e a técnica respeitam barreiras éticas. Ainda mais o mercado, que como comprovamos, saltou muitas barreiras. Foram vendidos materiais defeituosos que colocaram em perigo a vida de pessoas. Mas esta crise suscitou uma resposta de solidariedade que transformou muitas pessoas. São muitos, os que acreditam ou os que não creem, os que permaneceram em primeira fila, arriscando sua vida a favor dos demais: pessoal sanitário, polícia, exército, trabalhadores de serviços indispensáveis, voluntários... Uns terão agido movidos por princípios de humanidade, os que creem inspirados pela pessoa de Jesus, cuja Páscoa celebramos.

As autoridades religiosas obedeceram às disposições do governo, como já em seu tempo recomendava São Paulo a obedecer às autoridades civis (Rm 13, 1). Assim, é possível reconhecer que Deus atua em nosso mundo através das mediações humanas, inclusive si estas não admitem que exista Deus. A Igreja fez bem em recordar de que não basta o confinamento, mas que este deve ser acompanhado de uma série de medidas sociais. Trata-se, sem dúvida, de vencer o vírus, mas também de combater a crise econômica que já está presente e ameaça tanto ou mais que o vírus a vida de muitas pessoas.